

# MIMESIS E EMANCIPAÇÃO. DIALÉTICA DO ESCLARECIMENTO E DIALÉTICA NEGATIVA NOS ESCRITOS PEDAGÓGICOS DE ADORNO

João Paulo Andrade Dias<sup>1</sup>

Adorno; *mimesis*; educação; maioria; emancipação

**P**ara a ocasião do evento, propõe-se uma chave de leitura aos “escritos pedagógicos” de Adorno – as palestras e debates que, ora transmitidos pela Rádio de Hessen, ora proferidos em instituições várias, encontram-se transcritos e organizados na coletânea *Erziehung zur Mündigkeit*,<sup>2</sup> edição traduzida no Brasil como *Educação e emancipação*.<sup>3</sup> A presente exposição busca ressaltar o seguinte aspecto: conforme avança o longo arco de dez anos que a coletânea compreende, a célebre reavaliação adorniana do conceito de *mimesis* parece também se manifestar nos textos sobre educação. É importante destacar que esses anos de atividade intensa, em que Adorno assume um engajamento intelectual, participando de

<sup>1</sup> Contato: [jpandradedias@gmail.com](mailto:jpandradedias@gmail.com)

<sup>2</sup> Infelizmente, o acesso à edição original se mostrou impossível. Foi em meio a essa dificuldade que o autor decidiu buscar solução à barreira linguística de duas formas: (i) por meio da consulta àqueles textos partilhados entre as *Gesammelte Werke* e a *Erziehung zur Mündigkeit*; (ii) apoiando-se em citações de trechos em alemão disponíveis em artigos e livros a respeito de temas similares. Em todo caso, pode-se ao menos indicar a referência bibliográfica completa da edição faltante. Cf. ADORNO, Theodor W. *Erziehung zur Mündigkeit, Vorträge und Gespräche mit Hellmut Becker*. Frankfurt: Suhrkamp, 1970.

<sup>3</sup> ADORNO. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

transmissões por rádio e TV com certa frequência, concorrem com o período de elaboração e escrita daquelas obras mais maduras,<sup>4</sup> profundamente marcadas por suas reconsiderações a respeito do conceito de *mimesis*. Ao suscitar uma chave de leitura apoiada sobre tal concorrência, não se avalia esses pequenos textos conforme sua ressonância no interior das obras maiores, como se, no decurso do pensamento de Adorno, simplesmente fosse possível preterir essas palestras e debates diante de textos de maior envergadura. Todo leitor de Filosofia sabe o peso de ensaios e cartas, enfim, sabe o peso que anotações, aforismos e mal afamados textos de juventude exercem no espectro das obras maiores. Para recorrer apenas a Adorno – e redobrando a citação sobre seus próprios escritos –, “o texto que a filosofia tem de ler é incompleto, contraditório e fragmentário.”<sup>5</sup> Como em símile à ideia adorniana de campo de força (*Kraftfeld*), espera-se que os momentos esparsos ora invocados reciprocamente se iluminem.

Em Adorno, o conceito de *mimesis* possui uma história longa e tortuosa. Contudo e para estabelecê-lo como chave interpretativa, ora parece suficiente tematizar dois de seus momentos: um primeiro que, afora certas ressalvas,<sup>6</sup> poderia ser avaliado como severamente crítico; e um segundo

---

<sup>4</sup> A já mencionada *Dialética negativa* e a *Teoria estética*. Cf. ADORNO. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009; ADORNO. *Negativ Dialektik*. In: *Gesammelte Schriften Band 6* (doravante GS, seguido de numeração referente ao volume). Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 7-412; Cf. ADORNO. *Teoria estética*. Lisboa: Edições 70, 2008; ADORNO. *Ästhetische Theorie*. GS 7. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.

<sup>5</sup> “Der Text, den Philosophie zu lesen hat, ist unvollständig, widerspruchsvoll und brüchig” ADORNO. *Die Aktualität der Philosophie*. In: GS 1: *Philosophische Frühschriften*. Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 334.

<sup>6</sup> Ao traçar as diferenças entre magia e ciência, *mimesis* e abstração, pelo menos dois trechos da *Dialética do esclarecimento* parecem carregados de um tom hesitante. Talvez essa hesitação – de certa forma, ressalvas à *mimesis* – já apontasse para uma fissura no interior da obra aporética de Adorno e Horkheimer. O primeiro deles: “A magia é a pura e simples inverdade, mas nela a dominação ainda não é negada, ao se colocar transformada na pura verdade, como a base do mundo que a ela sucumbiu. O feiticeiro torna-se semelhante aos demônios; para assustá-los ou suavizá-los, ele assume um ar assustadiço ou suave. Embora seu ofício seja a repetição, diferentemente do civilizado – para quem os modestos campos de caça se transformam no cosmo unificado, no conjunto de todas as possibilidades de presas – ele ainda não se declarou à imagem e semelhança do poder invisível. É só quando tal imagem e semelhança que o homem alcança a identidade do eu que não pode se perder na identificação com o outro, mas toma definitivamente posse de si como máscara impenetrável. É a identidade do espírito e seu correlato, à unidade da natureza, que sucumbem as múltiplas qualidades. A natureza desqualificada torna-se a matéria caótica para uma simples classificação, e o eu todo-poderoso torna-se o mero ter, a identidade abstrata.” ADORNO, Theodor W.; HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento*. Rio de Janeiro: Jorge

momento propositivo. O primeiro deles foi formulado junto a Horkheimer, na *Dialética do esclarecimento*; enquanto o segundo, que começa a se elaborar no início dos anos 60, no interior dos escritos sobre Hegel,<sup>7</sup> finalmente aparece às claras na *Dialética negativa*.

Antes, porém, algumas considerações preliminares e de cunho mais geral se mostram importantes: embora a palavra *mimesis* imediatamente evoque Platão e Aristóteles, em Adorno, as referências que acompanham a elaboração desse conceito são mais abrangentes, escapando mesmo ao campo da Filosofia. *Mimesis* não é meramente definida segundo aquele ideal que – conforme se sedimentou – caracteriza a arte clássica: a imitação, a representação ou a figuração. Uma associação tal, que eminentemente nos faz recordar a força que a filosofia grega exerce na história do pensamento, ainda

---

Zahar Ed., 1985, p. 24; “Magie ist blutige Unwahrheit, aber in ihr wird Herrschaft noch nicht dadurch verleugnet, daß sie sich, in die reine Wahrheit transformiert, der ihr verfallenen Welt zugrundelegt. Der Zauberer macht sich Dämonen ähnlich; um sie zu erschrecken oder zu besänftigen, gebärdet er sich schreckhaft oder sanft. Wenngleich sein Amt die Wiederholung ist, hat er sich noch nicht wie der Zivilisierte, dem dann die bescheidenen Jagdgründe zum einheitlichen Kosmos, zum Inbegriff aller Beutemöglichkeit zusammenschumpfen fürs Ebenbild der unsichtbaren Macht erklärt. Als solches Ebenbild erst erlangt der Mensch die Identität des Selbst, das sich in der Identifizierung mit anderem nicht verlieren kann, sondern sich als undurchdringliche Maske ein für allemal in Besitz nimmt. Es ist die Identität des Geistes und ihr Korrelat, die Einheit der Natur, der die Fülle der Qualitäten erliegt. Die disqualifizierte Natur wird zum chaotischen Stoff bloßer Einteilung und das allgewaltige Selbst zum bloßen Haben, zur abstrakten Identität.” ADORNO. *Dialektik der Aufklärung*, GS3. Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 25-26. O segundo: “Como a ciência, a magia visa fins, mas ela os persegue pela mimese, não pelo distanciamento progressivo em relação ao objeto. Ela não se baseia de modo algum na ‘onipotência dos pensamentos’, que o primitivo se atribuiria, segundo se diz, assim como o neurótico.” ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 25; “Die Zauberei ist wie die Wissenschaft auf Zwecke aus, aber sie verfolgt sie durch Mimesis, nicht in fortschreitender Distanz zum Objekt. Sie gründet keineswegs in der »Allmacht der Gedanken«, die der Primitive sich zuschreiben soll wie der Neurotiker;” ADORNO. *Dialektik der Aufklärung*, GS 3, 1997, p. 27.

<sup>7</sup> Em seu curso sobre a *Dialética negativa*, Vladimir Safatle escreve: “De qualquer forma, Adorno já havia reconhecido, nos *Três estudos sobre Hegel*, que o movimento do conceito hegeliano através de negações determinadas implicava no reconhecimento de afinidades miméticas entre objetos” SAFATLE, Vladimir. *Curso integral. Retornar à filosofia: leituras da Dialética negativa, de Adorno*. Publicado em plataforma digital (endereço na bibliografia), 2006, p. 33. A seguir, o comentário cita um importante trecho de Adorno a respeito da *mimesis* que opera no interior do conceito hegeliano: “O conceito especulativo hegeliano salva a mimese por meio da autoconsciência do Espírito: a verdade não é *adaequatio*, mas afinidade e, no idealismo em declínio, esse retorno da razão à sua essência mimética é revelada por Hegel como seu direito humano.” ADORNO. *Três estudos sobre Hegel*. São Paulo: Editora Unesp, 2013, p. 119; “Der Hegelsche spekulative Begriff errettet die Mimesis durch die Besinnung des Geistes auf sich selbst: Wahrheit ist nicht *adaequatio* sondern Affinität, und am untergehenden Idealismus wird, durch Hegel, dies Eingedenken der Vernunft an ihr mimetisches Wesen als ihr Menschenrecht offenbar.” ADORNO. *Drei Studien zu Hegel*. In: GS 5. Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 285.

seria insuficiente. Caso fosse necessário situar historicamente o conceito adorniano de *mimesis*, teria de se caminhar alguns passos para trás: antes, ele possui referência pré-homérica. Tatarkiewicz escreve que a palavra *mimesis* possui etimologia obscura, mas, ainda assim, é bastante provável que tenha se originado no seio dos rituais e cultos dionisíacos:

Em seu primeiro significado (bastante diferente do atual), a *mimesis-imitatio* representava os atos de culto que um sacerdote realizava [...] A palavra, que posteriormente denotaria o ato de reproduzir a realidade na escultura e nas artes teatrais, havia se aplicado, nessa época, exclusivamente à dança, à mímica e à música.<sup>8</sup>

Ao assumir referências pré-homéricas para pensar o conceito de *mimesis*, Adorno seria obrigado a acionar ao menos dois outros campos das humanidades: a psicanálise e a etnologia – no caso, a etnologia francesa do início do século XX.<sup>9</sup> E o sentido de imitação, que manifestamente caracteriza a *mimesis*, não se encontra vinculado apenas à representação de tipo estritamente artística, a um fazer artístico definido segundo uma *techné*, mas configura um modo de relação entre sujeito e objeto. Nos cultos sagrados da Grécia Arcaica, dança, mímica e música eram os meios através dos quais os sacerdotes, ao se converterem na própria narrativa que constituía o culto, realizavam a *mimesis* de um acontecimento mítico.<sup>10</sup> Talvez Nietzsche, ao interpretar a cultura moderna se apropriando do mundo grego, ofereça-nos uma importante coordenada dessa relação mimética entre sujeito e objeto.

---

<sup>8</sup> “En su primer significado (bastante diferente el actual) la mimesis-imitación representaba los actos de culto que realizaba un sacerdote [...] La palabra, que posteriormente habría de denotar el acto de reproducir la realidad en la escultura y en las artes teatrales se había aplicado, en esa época, exclusivamente a la *danza*, la *mímica* y la *música*.” TATARKIEWICZ, Wladislaw. *Historia de seis ideas. Arte, belleza, forma, creatividad, mimesis, experiencia estética*. Madrid: Tecnos, 1997, p 301.

<sup>9</sup> Cf. FRÜCHTL, Josef. *Mimesis: Konstellation eines Zentralbegriffs bei Adorno*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1986, p. 13.

<sup>10</sup> Cf. nota de rodapé em MONTANI, Pietro. *Arte e verità dall'antichità alla filosofia contemporanea. Un'introduzione all'estetica*. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 2006, p. 46-48.

Seja por influência da beberagem narcótica, da qual todos os povos e homens primitivos falam em seus hinos, ou com a poderosa aproximação da primavera a impregnar toda a natureza de alegria, *despertam aqueles transportes dionisíacos, por cuja intensificação o subjetivo se esvanece em completo auto-esquecimento.*<sup>11</sup>

Se levarmos em conta essa consideração de Nietzsche acerca do estado dionisíaco – qual seja, um transporte do eu, uma epifania que culmina em auto-esquecimento do sujeito –, provavelmente estaremos mais próximos do conceito de *mimesis* operado por Adorno, tanto se se tratar de sua elaboração na *Dialética do esclarecimento* quanto na *Dialética negativa*. No entanto, convém ainda um breve acréscimo: em Adorno, a *mimesis* desempenha papel marcado pelo entrelaçamento entre o conhecimento e a auto-conservação; ela constitui um recurso de dissolução do Eu paradoxalmente voltado para a preservação de si mesmo, ao mesmo tempo em que ainda oferece as bases da experiência cognitiva, seja no estágio da magia, do mito ou do esclarecimento. Pois assim como, segundo Adorno, “o feiticeiro torna-se semelhante aos demônios; para assustá-los ou suavizá-los, ele assume um ar assustadiço ou suave”<sup>12</sup>, assim como no culto mimético ocorreria a rememoração das explicações do mundo, a rememoração de uma certa narrativa que confere sentido e lança luz sobre a natureza ameaçadora, assim também, no período do esclarecimento, “a *ratio*, que recalca a *mimesis*, não é simplesmente seu contrário. Ela própria é *mimesis*: a *mimesis* do que está morto.”<sup>13</sup> Em Adorno, pode-se dizer que um dos critérios que separam magia e esclarecimento é a posição do sujeito ante o objeto: enquanto o

---

<sup>11</sup> NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 30; “Entweder durch den Einfluss des narkotischen Getränkes, von dem alle ursprünglichen Menschen und Völker in Hymnen sprechen, oder bei dem gewaltigen, die ganze Natur lustvoll durchdringenden Nahen des Frühlings erwachen jene dionysischen Regungen, in deren Steigerung das Subjective zu völliger Selbstvergessenheit hinschwindet.” NIETZSCHE, Friedrich. Die Geburt der Tragödie. In: *Sämtliche Werke. Kritische Gesamtausgabe Band 1*. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988, p. 28-29.

<sup>12</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 24; ADORNO. *Dialektik der Aufklärung*, GS 3, 1997, p. 26.

<sup>13</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 62; “Die Ratio, welche die Mimesis verdrängt, ist nicht bloß deren Gegenteil. Sie ist selber Mimesis: dia ans Tote.” ADORNO. *Dialektik der Aufklärung*, GS 3, 1997, p. 75-76.

feiticeiro se dissolve na natureza, o homem burguês constitui os objetos da experiência por meio da abstração; enquanto a magia une sujeito e objeto, o esclarecimento os separa.

Após essa digressão, retomemos o percurso de exposição elaborado acima. Conforme se disse anteriormente, seria possível resgatar ao menos dois momentos do conceito de *mimesis* no decurso da obra de Adorno – um primeiro momento severamente crítico, outro propositivo – traçando relação com o arco de seus “escritos pedagógicos”. O primeiro desses momentos se encontra submetido a uma *aporia* fundamental, que configura aquele teor pessimista da *Dialética do esclarecimento*. Tal *aporia* reside em que, enquanto a *mimesis* do pensamento mágico impede a constituição do sujeito, levando-o a uma permanente e incessante autodestruição, a *mimesis* do esclarecimento, em sua identificação com o que está morto, com o amorfo, proclama a prevalência inabalável de um sujeito racional que apenas pode se constituir por meio da negação de si mesmo, por meio de “uma adaptação forçada e violenta.”<sup>14</sup> Por um lado, o pensamento mágico levaria o sujeito a reiteradamente renunciar a diferenciação entre o Eu e a natureza que o ameaça; “para se salvar do perigo, o sujeito desiste de si mesmo e, portanto, perde-se.”<sup>15</sup> Sob a exigência de uma constante perda de si voltada para a auto-conservação, o pensamento mágico se apresenta em toda a sua heteronomia. Por outro, o esclarecimento não passaria de uma outra forma de *mimesis*: a *mimesis* do sujeito que, para escapar da esfera do heterônimo que define a magia, estaria mesmo disposto a realizar uma automutilação, uma negação de si que, através da abstração, forja uma pretensa autonomia. A abstração, contudo, recairia em outra forma de encantamento: no afastamento diante do objeto, enfim, na *hipóstase do sujeito*, “o homem alcança a identidade do eu que não pode se perder na identificação com o outro”, tomando “posse de si como máscara impenetrável.”<sup>16</sup>

---

<sup>14</sup> GAGNEBIN. Jeanne Marie. Do conceito de *mimesis* em Adorno e Benjamin. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*, 1997, p. 89.

<sup>15</sup> GAGNEBIN. Jeanne Marie. Do conceito de *mimesis* em Adorno e Benjamin. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*, 1997, p. 87.

<sup>16</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 24. ADORNO. *Dialektik der Aufklärung*, GS 3, 1997, p. 26.

Conforme ressalta Jeanne Marie Gagnebin, seria possível vislumbrar certa apropriação de Freud, especialmente de textos como *O mal-estar na civilização*: tanto a *mimesis* do pensamento mágico manifesta aquele componente profundamente prazeroso, um desejo de dissolução e aniquilamento do Eu quanto a *mimesis* do esclarecimento funda suas bases na recusa ao prazer.<sup>17</sup> Esse duplo caráter da *mimesis* – que a substituição da magia pelo esclarecimento terminantemente não proscreeve – torna-se a chave de Adorno e Horkheimer para a interpretação dos fenômenos de massa e seus mecanismos de identificação e repulsa – a chave para se compreender coletivismos os mais violentos, como o nazismo e o antissemitismo, mas também o torcedor fanático e até mesmo a dinâmica oculta da indústria cultural. Cito, uma vez mais, a *Dialética do esclarecimento* – trecho em que se elabora o conceito que articula *mimesis* primeira e *mimesis* segunda: a falsa projeção (*falsche Projektion*).

O antissemitismo baseia-se numa falsa projeção. Ele é o reverso da mimese genuína, profundamente aparentada à mimese que foi recalcada, talvez o traço caracterial patológico em que esta se sedimenta. Só a mimese se torna semelhante ao mundo ambiente, a falsa projeção torna o mundo ambiente semelhante a ela. Se o exterior se torna para a primeira o modelo ao qual o interior se ajusta, o estranho tornando-se o familiar, a segunda transpõe o interior prestes a saltar para o exterior e caracteriza o mais familiar como algo de hostil. Os impulsos que o sujeito não admite como seus e que, no entanto, lhe pertencem são atribuídos ao objeto: a vítima em potencial.<sup>18</sup>

---

<sup>17</sup> “Esse raciocínio de Adorno e Horkheimer nos lembra as descrições freudianas do mal-estar na civilização e nos faz entender melhor por que os nossos autores sempre insistiram na genealogia violenta da racionalidade iluminista, retomando também elementos da crítica nietzschiana da moral. Essa articulação perversa de uma *mimesis* segunda e, poderíamos dizer, castradora, a uma *mimesis* primeira e polimorfa volta com toda sua violência secreta nos fenômenos de identificação e de repulsão de massa, como são o nazismo e o anti-semitismo.” GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do conceito de *mimesis* em Adorno e Benjamin. In: *Sete aulas sobre linguagem, memória e história*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997, p. 90.

<sup>18</sup> ADORNO; HORKHEIMER. *Dialética do esclarecimento*, 1985, p. 174; “Der Antisemitismus beruht auf falscher Projektion. Sie ist das Widerspiel zur echten Mimesis, der verdrängten zutiefst verwandt, ja vielleicht der pathische Charakterzug, in dem diese sich niederschlägt. Wenn Mimesis sich der Umwelt ähnlich macht, so macht falsche Projektion

Nos “escritos pedagógicos”, Adorno não se cansaria de reafirmar a recusa a qualquer tipo de coletivismo, inclinação que retoma e reafirma a versão do conceito de *mimesis* desenvolvida junto a Horkheimer. Contudo, tal versão parece se apresentar de modo categórico e sem nuances apenas nos escritos por volta do final da década de 1950 e início de 1960. Em *O que significa elaborar o passado*, palestra de 1959, Adorno insiste no comportamento mimético da personalidade submissa – a falsa projeção –, personalidade que “seria muito mais definida por traços como pensar conforme as dimensões do poder – impotência, paralisia e incapacidade de reagir, comportamento convencional, conformismo, ausência de autorreflexão”<sup>19</sup>. Como a presa diante do predador, o Eu reagiria mimeticamente: todos os comportamentos elencados no trecho, a paralisia, a incapacidade de reação, enfim, o conformismo e a adesão ao coletivo, exibem o prolongamento daquele comportamento arcaico, de uma *mimesis* que, após realizar o recalque de sua dinâmica genuína, manifesta-se no período do esclarecimento. A seguir, Adorno reafirma a ideia de falsa projeção em toda a sua plasticidade: “personalidades com tendências autoritárias identificam-se ao poder enquanto tal, independentemente de seu conteúdo. No fundo, dispõem de um eu fraco, necessitando, para se compensarem, da identificação com grandes coletivos e da cobertura proporcionada por eles mesmos”<sup>20</sup>.

Dentre os “escritos pedagógicos” de Adorno, *O que significa elaborar o passado* é, talvez, o texto que mais decididamente se apega à *mimesis* oriunda da *Dialética do esclarecimento*, seja simplesmente por motivos cronológicos, seja porque seu tema – a memória do nazismo na Alemanha de 1959 – prontamente convoca essa versão do conceito. A partir de 1961, certas

---

die Umwelt sich ähnlich. Wird für jene das Außen zum Modell, dem das Innen sich anschmiegt, das Fremde zum Vertrauten, so versetzt diese das sprungbereite Innen ins Äußere und prägt noch das Vertrauteste als Feind. Regungen, die vom Subjekt als dessen eigene nicht durchgelassen werden und ihm doch eigen sind, werden dem Objekt zugeschrieben: dem prospektiven Opfer.” ADORNO. *Dialektik der Aufklärung*, GS 3, 1997, p. 211-212.

<sup>19</sup> ADORNO. *O que significa elaborar o passado*. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 36.

<sup>20</sup> ADORNO. *O que significa elaborar o passado*. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 36.

aberturas começam a se esboçar, respiros, nuances; elaborações que, se ainda não afirmam a si mesmas como vias seguras, ao menos se insinuam como alternativas que merecem alguma *confiança* – esta, como sempre, questionável (*fragwürdiges Vertrauen*).<sup>21</sup> Em *A filosofia e os professores*, texto proferido na Rádio de Hessen em que Adorno avalia os problemas encontrados pelos examinadores que conduzem uma prova de filosofia a futuros docentes de outras áreas, a figura da *mimesis* reaparece ao menos em dois momentos. O primeiro deles se constitui na exigência de postular uma formação docente que supere a mera profissionalização: “a prova geral [...] pretende avaliar se os candidatos conseguem ir além do seu aprendizado profissional estrito, na medida em que desenvolvem uma reflexão acerca de sua profissão, ou seja, pensam acerca do que fazem e refletem acerca de si mesmos.”<sup>22</sup> O segundo, no momento em que, para prevenir esse comportamento mimético, Adorno propõe, ainda que de improviso, o *cruzamento* entre textos filosóficos – ou mesmo entre a filosofia e outra área das humanidades – como tópicos à essa avaliação, como sempre, sob a finalidade de buscar uma alternativa à instrumentalização do conhecimento, índice do comportamento adaptativo. A proposta delicadamente toca uma noção em que Adorno decididamente viria a apostar anos mais tarde – a autorreflexão do espírito.

Existem inúmeros cruzamentos como esses, e os candidatos poderiam escolher alguma dessas temáticas. Afinal, para a compreensão de Schiller é essencial a sua relação com Kant — e não me refiro à relação biográfica ou nos termos da história das ideias, mas à sedimentação dessa relação sob a forma dos dramas e dos poemas, assim como para a compreensão de Hebbel impõe-se o conhecimento da concepção de filosofia da história presente em seus dramas. Quase nunca me sugeriram temas como esses sobre os quais acabei de improvisar exemplos. Evidentemente não quero com isso afirmar que temas específicos da filosofia devem ser excluídos, ou então que devem constituir a exceção. Mas, para começar, basta a diferença entre as sugestões costumeiras e sugestões como estas, que têm algo a ver com

---

<sup>21</sup> Cf. ADORNO. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 16-17; ADORNO. Negative Dialektik. In: GS 6, 1997, p. 21.

<sup>22</sup> ADORNO. A filosofia e os professores. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 54.

autorreflexão, se não relativa a problemas específicos das ciências particulares, no mínimo em relação a outros complexos e outros tópicos. De minha parte me daria por satisfeito se os temas sugeridos permitissem pelo menos reconhecer o que estou vislumbrando.<sup>23</sup>

De modo bastante similar, Adorno e Hellmut Becker criticam a constituição de um modelo ideal (*Leitbild*) subjacente a projetos pedagógicos durante o debate *Educação – para quê?*.<sup>24</sup> A *Leitbild* era uma estratégia que se insinuava na Alemanha daquele período como resposta à perda de evidência das finalidades da educação. A respeito dela, Adorno diz: “em relação a essa questão, gostaria apenas de atentar a um momento específico do conceito de modelo ideal, o da heteronomia, o momento autoritário, o que é imposto a partir do exterior. Nele existe algo de usurpatório.”<sup>25</sup> Mas, se a proposta de modelo ideal é rapidamente descartada em razão da perda de autonomia do sujeito, por outro lado, mais uma abertura se suscitaria, desta vez, sob outra elaboração de Hegel – a extrusão (*Entäußerung*):

Lembro apenas que há uma frase de Goethe, referindo-se a um artista de quem era amigo, em que diz que "ele se educou para a originalidade". Creio que o mesmo vale para o problema do indivíduo. Eu não diria que é possível conservar a individualidade das pessoas. Ela não é algo dado. Mas talvez a individualidade se forme precisamente no processo da experiência que Goethe ou Hegel designaram como "extrusão", na experiência do não-eu no outro.

A situação é paradoxal. Uma educação sem indivíduos é opressiva, repressiva. Mas quando procuramos cultivar indivíduos da mesma maneira que cultivamos plantas que regamos com água, então isto tem

---

<sup>23</sup> ADORNO. A filosofia e os professores. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 57, texto modificado.

<sup>24</sup> “É bastante conhecida a anedota infantil da centopeia que, perguntada quando movimentada cada uma de suas pernas, fica inteiramente paralisada e incapaz de avançar um passo sequer. Ocorre algo semelhante com a educação e a formação. Houve tempos em que esses conceitos, como dizia Hegel, eram substanciais, compreensíveis por si mesmos a partir da totalidade de uma cultura, e não eram problemáticos em si mesmos. Mas hoje tornaram-se problemáticos nestes termos. No instante em que indagamos: "Educação — para quê?", onde este "para quê" não é mais compreensível por si mesmo, ingenuamente presente, tudo se torna inseguro e requer reflexões complicadas. E sobretudo uma vez perdido este "para quê", ele não pode ser simplesmente restituído por um ato de vontade, erigindo um objetivo educacional a partir do seu exterior.” ADORNO. *Educação – para quê?*. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 140.

<sup>25</sup> ADORNO. *Educação – para quê?*. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 141.

algo de quimérico e de ideológico. A única possibilidade que existe é tornar tudo isso consciente na educação; por exemplo, para voltar mais uma vez à adaptação, colocar no lugar da mera adaptação uma concessão transparente a si mesma onde isto é inevitável, e em qualquer hipótese confrontar a consciência desleixada. Eu diria que hoje o indivíduo só sobrevive enquanto núcleo impulsionador da resistência.<sup>26</sup>

Antes de passar à última parte dessa exposição, deve-se apenas ressaltar que o binômio autonomia-heteronomia, as noções de adaptação e de coletivismo perpassam todos os textos de *Educação e emancipação*: seus exemplos são tantos que uma exposição demorada parece inviável. Além dessas noções, que se articulam com o conceito de *mimesis* elaborado junto a Horkheimer, a autorreflexão e a extrusão ainda revelariam momentos de abertura daquela *aporia* que marca a *Dialética do esclarecimento*, silhuetas da *mimesis* que viria a orientar o projeto filosófico de uma dialética negativa.

O último passo desta exposição se constitui em dupla via: por um lado, tenta-se elencar outro momento – talvez o mais importante – em que a reformulação adorniana do conceito de *mimesis* se manifesta no interior dos “escritos pedagógicos”; por outro, avalia-se como o recurso à *mimesis* pode oferecer interpretação para uma passagem de leitura oblíqua, um trecho em que Adorno parece desenvolver uma consideração imprecisa, frouxa – quase uma divagação – mas cuja imprecisão é pronta – e *meramente* – desmentida pelo próprio autor. Esse trecho é parte de *Educação após Auschwitz*, transcrição da palestra célebre transmitida pela Rádio de Hessen em 1965. Como sempre, o texto retoma a crítica ao coletivismo mimético, elencando suas formas variadas – do trote à tortura. Na frase mais aguda, Adorno diz: “Pessoas que se enquadram cegamente em coletivos convertem a si próprios em algo como um material, dissolvendo-se como seres autodeterminados.”<sup>27</sup> Conforme já se aventou aqui, o problema da adesão aos coletivos, da integração como dinâmica inescapável da indústria cultural, enfim, da

---

<sup>26</sup> ADORNO. Educação – para quê?. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 153-154.

<sup>27</sup> ADORNO. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 129.

submissão do particular pelo universal – todos eles vinculados à ideia de totalidade falsa – permanecem como preocupação de Adorno até o fim de sua produção intelectual. Mas, apesar de todas as manifestações que mobilizam o conceito aporético de *mimesis*, haveria ao menos três momentos de seu discurso que parecem tocar a reelaboração que, um ano mais tarde, apareceria consolidada na *Dialética negativa*. O primeiro desses momentos é antessala de sua enunciação – uma consideração taciturna, que levanta um motivo recorrente da obra de Adorno: o desespero. Nessa frase curta, talvez seja possível vislumbrar mais que mera menção à *aporia* da *mimesis*: “se a barbárie encontra-se no próprio princípio civilizatório, então pretender se opor a isso tem algo de desesperador.” O segundo momento do texto que parece reafirmar tal indicativo elabora a suposta divagação mencionada acima, momento em que se levanta a temática sobre Eros, sobre o Amor – conforme falado, paixão irmanada daquela atração e afinidade que caracteriza a *mimesis* do pensamento mágico. Ao falar sobre o feitiço da técnica, produto da frieza burguesa (*bürgerliche Kälte*), Adorno diz:

No caso do tipo com tendências ao feitiço da técnica, trata-se simplesmente de pessoas incapazes de amar. Isto não deve ser entendido em um sentido sentimental ou moralizante, mas denotando a carente relação libidinal com outras pessoas. Elas são inteiramente frias e precisam negar também em seu íntimo a possibilidade do amor, recusando de antemão nas outras pessoas o seu amor antes que o mesmo se instale. A capacidade de amar, que de alguma maneira sobrevive, eles precisam aplicar aos meios. [...] Se ela [a frieza] não fosse um traço básico da antropologia [...] se as pessoas não fossem profundamente indiferentes em relação ao que acontece com as outras, [...] *então Auschwitz não teria sido possível, as pessoas não o teriam aceito*. Em sua configuração atual – e provavelmente há milênios – a sociedade não repousa em atração, em simpatia [...] Hoje em dia qualquer pessoa, sem exceção, se sente mal-amada, porque cada um é deficiente na capacidade de amar.<sup>28</sup>

---

<sup>28</sup> ADORNO. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 133-134, tradução modificada.

O terceiro momento – frase que segue o trecho citado acima – constitui um elemento importante para a leitura aqui proposta. Ele estabelece a recusa de Adorno a tematizar a discussão sobre o Amor em termos frouxos ou triviais: “Não quero pregar o amor. Penso que sua pregação é vã.”<sup>29</sup> Elencados os três momentos, pode-se colocar a pergunta: se Adorno recusa aos ouvintes uma compreensão trivial de sua remissão ao Amor, então... *como compreendê-lo?*

Se a ideia de Amor não foi mencionada de modo trivial, se o trecho erige a oposição entre as paixões de amor e frieza, enfim, se Adorno ainda lamenta o desespero que constitui buscar solução no processo civilizatório que encerra o germe da barbárie em seu interior, a que apontaria essa remissão aparentemente gratuita? A tese central da *Dialética do esclarecimento*, que assume a prevalência do mito no interior da *Aufklärung*, deixa se alinhar paralelamente com a prevalência da *mimesis* primeira no interior da *mimesis* segunda; na direção inversa, o recalque da *mimesis* primeira pela *mimesis* segunda também se alinha paralelamente ao recalque do mito pelo esclarecimento. Por último, essas elaborações, que lançam a psicologia em direção à teoria do conhecimento, vertem-se no *elo entre teoria do conhecimento e teoria das paixões* – na relação mais ou menos oculta entre pensamento mágico e amor, esclarecimento e frieza. Ao se exhibir nessa trama embaraçada, a meta-história do pensamento<sup>30</sup> narrada pelos autores parece se apoiar nas ideias de *falsa superação* e *recalque* – o esclarecimento não superou a magia, nem a abstração superou a *mimesis*; a ciência seria recalque do pensamento mágico, assim como a *mimesis* segunda recalca a *mimesis* primeira. Essa trama embaraçada – e pegajosa! – é o que constitui o pano de fundo daquela remissão adorniana ao desespero: neste momento, Adorno, por assim dizer, dá com a língua nos dentes – nada mais natural ao desespero que

---

<sup>29</sup> ADORNO. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*, 1995, p. 134.

<sup>30</sup> “Dieses Buch enthält eine Art Geschichte – oder vielleicht sollte man sagen: eine Metageschichte – des Denkens; es erzählt die Geschichte vom Glanz und Elend der Aufklärung.” WELLMER, Albrecht. *Zur Dialektik von Moderne und Postmoderne: Vernunftkritik nach Adorno*. Frankfurt: Suhrkamp, 1985, p. 137.

entrevêr soluções em meio a contradições as mais radicais. O desespero de Adorno consiste na exigência de desembaraçar a trama da abstração por meio da *mimesis*; de curar a barbárie da civilização através do germe dessa mesma barbárie. Ao recusar a trivialidade da tematização do Amor; ao interpretar o desespero ante o pano de fundo da *Dialética do esclarecimento*, a imagem da recuperação da *mimesis* parece se manifestar: de tal entrecruzamento, a renovação desse conceito sobressalta – *übersteigen*. Pois, ao colocar os três momentos em rota de colisão, toda a multiplicidade de sentidos capaz de nos invocar o conceito de *mimesis* pré-homérico irrompe; invocação que nos evoca a atração, a simpatia e a assimilação, todas elas opostas ao feitiço da abstração e frieza que caracterizaria o processo da *Aufklärung*. Assim avaliado, o decurso desses três momentos sugere uma forte relação de *Educação após Auschwitz* com o projeto de uma dialética negativa.

Por fim, restam apenas umas poucas palavras a respeito da *Dialética negativa* – texto em que, conforme ironiza Adorno, o autor finalmente colocaria as cartas na mesa.<sup>31</sup> Nessa obra tardia, Adorno finalmente enunciaria o projeto de desencantamento do conceito (*Entzauberung des Begriffs*) em estrita filiação a processos de abstração; enunciaria sua tentativa de reinauguração da experiência do pensar; sua tentativa de reformulação do conceito filosófico mediante a apropriação da *mimesis* – da atração e das afinidades no interior do pensamento conceitual; enfim, onde se veria o adágio a respeito da tentativa de ultrapassar o conceito através do conceito.

Como sempre, uma confiança questionável a respeito de que isso seria possível para a filosofia: de que o conceito possa ultrapassar o conceito – que prepara e amputa – e, assim, tocar o não-conceitual. Essa confiança é inevitável para a filosofia, e, junto dela, algo da ingenuidade de que a filosofia sofre.<sup>32</sup>

---

<sup>31</sup> Cf. Prefácio à *Dialética negativa*. ADORNO. *Dialética negativa*, 2009, p. 7-9; ADORNO. GS 6, *Negative Dialektik*, 1997, p. 9-11.

<sup>32</sup> ADORNO. *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009, p. 16-17, tradução modificada; “Ein wie immer fragwürdiges Vertrauen darauf, daß es der Philosophie doch möglich sei; daß der Begriff den Begriff, das Zurüstende und Abschneidende übersteigen und dadurch ans Begriffslose heranreichen könne, ist der Philosophie unabdingbar und damit etwas von der Naivetät, an der sie krankt.” ADORNO. GS 6, *Negative Dialektik*, 1997, p. 21.

O conceito não consegue defender de outro modo a causa daquilo que reprime, a da *mimesis*, senão na medida em que se apropria de algo dessa *mimesis* em seu próprio modo de comportamento, sem se perder nela. Dessa forma, o momento estético, ainda que por uma razão totalmente diversa do que em Schelling, não é acidental para a filosofia.<sup>33</sup>

Não seria possível apresentar um esboço pormenorizado do projeto filosófico de Adorno: conforme a citação acima já adianta, isso desencadearia questões de grande envergadura, estabelecendo diálogo com vários autores e correntes de pensamento. Contudo, alguma coisa ainda pode ser dita. Por meio do recurso à *mimesis*, *Adorno não se abre a uma saída irracionalista*. O projeto de uma dialética negativa gostaria de despertar o movimento no interior do conceito; gostaria de libertar a experiência da singularidade que reside no interior da experiência; enfim, de “romper, com a força do sujeito, a ilusão da subjetividade constitutiva.”<sup>34</sup> O pensamento do não-idêntico procura libertar o objeto da frieza que lhe é causada pelos processos de abstração, pela *mimesis* no morto; conseqüentemente, libertar o sujeito de seu sortilégio auto-imposto – a inabalável identidade do eu consigo mesmo – restabelecendo a dinâmica de atração e afinidade. Ele reside na fronteira entre o conceitual e o não-conceitual, já que não poderia se apegar à abstração em vista dos problemas aventados – mas tampouco poderia desistir do pensamento. Ele instaura seu polo positivo na experiência estética, onde se encontra a *mimesis* que não se furta à razão – mas tampouco desiste da filosofia em favor da arte. Ele se arrisca a ponto de lançar o sujeito no abismo do outro – mas consciente de que apenas no interior do campo de mediações subjetivas o pensamento e a crítica podem se realizar. Não à toa, o projeto

---

<sup>33</sup> ADORNO. *Dialética negativa*, 2009, p. 21. “Nicht anders vermag der Begriff die Sache dessen zu vertreten, was er verdrängte, der Mimesis, als indem er in seinen eigenen Verhaltensweisen etwas von dieser sich zueignet, ohne an sie sich zu verlieren. Insofern ist das ästhetische Moment, obgleich aus ganz anderem Grund als bei Schelling, der Philosophie nicht akzidentell.” ADORNO. GS 6, *Negative Dialektik*, 1997, p. 26.

<sup>34</sup> ADORNO. *Dialética negativa*, 2009, p. 8, tradução modificada; “mit der Kraft des Subjekts den Trug konstitutiver Subjektivität zu durchbrechen” ADORNO. GS 6, *Negative Dialektik*, 1997, p. 10.

adorniano seria nomeado “Utopia do conhecimento” (*Erkenntnisutopie*) – um belo epíteto para o desespero.

## Referências

- ADORNO, Theodor W. Die Aktualität der Philosophie. In: *Gesammelte Schriften Band 1: Philosophische Frühschriften*. Ed. Rolf Tiedemann. 20 vol. Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 325-344.
- \_\_\_\_\_. Dialektik der Aufklärung. *Gesammelte Schriften Band 3*. Ed. Rolf Tiedemann. 20 vol. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. Drei Studien zu Hegel. In: *Gesammelte Schriften Band 5*. Ed. Rolf Tiedemann. 20 vol. Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 247-381.
- \_\_\_\_\_. Negativ Dialektik. In: *Gesammelte Schriften Band 6*. Ed. Rolf Tiedemann. 20 vol. Frankfurt: Suhrkamp, 1997, p. 7-412.
- \_\_\_\_\_. Ästhetische Theorie. *Gesammelte Schriften Band 7*. Ed. Rolf Tiedemann. 20 vol. Frankfurt: Suhrkamp, 1997.
- \_\_\_\_\_. *Erziehung zur Mündigkeit, Vorträge und Gespräche mit Hellmut Becker*. Org. Gerd Kadelbach. Frankfurt: Suhrkamp, 1970.
- \_\_\_\_\_. *Dialética do esclarecimento*. Trad. Guido Antonio de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1985.
- \_\_\_\_\_. *Dialética negativa*. Trad. Marco Antonio Casanova. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- \_\_\_\_\_. A filosofia e os professores. In: *Educação e emancipação*. Trad. Wolfgang Leo Maar. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 51-74.
- \_\_\_\_\_. Educação após Auschwitz. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 119-138.
- \_\_\_\_\_. Educação – para quê?. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 139-154.
- \_\_\_\_\_. O que significa elaborar o passado. In: *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995, p. 29-49.
- \_\_\_\_\_. *Teoria estética*. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 2008.

\_\_\_\_\_. *Três estudos sobre Hegel*. Trad. Ulisses Razzante Vaccari. São Paulo: Editora Unesp, 2013.

FRÜCHTL, Josef. *Mimesis: Konstellation eines Zentralbegriffs bei Adorno*. Würzburg: Königshausen & Neumann, 1986.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. Do Conceito de *Mimesis* no Pensamento de Adorno e Benjamin. In: *Sete Aulas Sobre Linguagem, Memória e História*. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1997, p. 81-106.

MONTANI, Pietro. *Arte e verità dall'antichità alla filosofia contemporanea. Un'introduzione all'estetica*. Roma-Bari: Gius. Laterza & Figli Spa, 2006.

NIETZSCHE, Friedrich. Die Geburt der Tragödie. In: *Sämtliche Werke. Kritische Gesamtausgabe Band I*. Ed. Colli & Montinari. München: Deutscher Taschenbuch Verlag, 1988.

\_\_\_\_\_. *O nascimento da tragédia, ou Helenismo e pessimismo*. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

SAFATLE, Vladimir. *Curso integral. Retornar à filosofia: leituras da Dialética negativa, de Adorno*. Disponível em: [https://www.academia.edu/6141538/Curso\\_Integral - Retornar %C3%A0 filosofia Leituras da Dial%C3%A9tica Negativa de Adorno 2006](https://www.academia.edu/6141538/Curso_Integral_-_Retornar_%C3%A0_filosofia_Leituras_da_Dial%C3%A9tica_Negativa_de_Adorno_2006). Acesso em 18 de Fevereiro de 2018.

TATARKIEWICZ, Wladislaw. *Historia de seis ideas. Arte, belleza, forma, creatividad, mimesis, experiencia estética*. Trad. Francisco Rodríguez Martín. Madrid: Tecnos, 1997.

WELLMER, Albrecht. *Zur Dialektik von Moderne und Postmoderne: Vernunftkritik nach Adorno*. Frankfurt: Suhrkamp, 1985.